

Sonho que nasce da empatia

Pacientes acometidos pelo câncer comumente desabafam sobre como o diagnóstico costuma vir acompanhado pelo amargo gosto da angústia e do receio daquilo que era, até então, desconhecido pelo próprio corpo. Com **Eciliane de Sousa**, 37 anos, não foi diferente. Ela lembra o quão aflitivo foi o período em que teve de conviver com a doença, mas expõe a felicidade de ter encontrado uma nova paixão no caminho até a cura — a psicologia.

Aos 35 anos, Eciliane vivia uma rotina considerada normal. Alternava os cuidados com as filhas, a mais velha, à época, com 15 e as gêmeas de 9 anos, com os trabalhos, os estudos voltados para concurso público e a prática de atividades físicas, quando possível. Diligente com a saúde, sempre fez questão de observar o próprio corpo e percebeu, em um dia como qualquer outro, uma mancha avermelhada, sem nodulação, em sua mama — imediato motivo para preocupação.

Buscando entender do que se tratava a alteração, foi avaliada por quatro médicos da família, sendo que todos falaram que se tratava de mastite, uma inflamação nas glândulas mamárias. Voltou para casa, mas, pouco tempo depois, a mancha passou a coçar e a esquentar, então recorreu a uma ultrassom, que novamente não apontou nenhuma anormalidade.

Tranquila por estar, aparentemente, tudo bem, Eciliane viajou para o Maranhão, sua terra natal, e foi lá que percebeu que, de fato, havia algo errado, pois, com o passar dos dias, a mama apresentava cada vez mais características duvidosas. Ainda no Nordeste, buscou um médico, que solicitou uma biópsia. Poucos dias depois, recebeu o diagnóstico de câncer de mama HER2 positivo.

“Foi devastador e angustiante, mas, para mim, o pior não foram os sintomas nem os efeitos dos medicamentos, mas a queda do cabelo. Passar a mão e sentir as mechas caindo foi como uma cena de terror.” É assim que Eciliane descreve os momentos que sucederam o diagnóstico, foram 16 sessões de quimioterapias realizadas em meio a uma depressão profunda.

Para cuidar da saúde mental e aliviar os sintomas de desânimo e isolamento que a acometeram, teve de ir à terapia, entretanto as consultas foram exatamente o contrário do esperado. “Eu passei por alguns psicólogos, mas eu me senti pior do que já



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

estava. Eles falavam coisas como ‘eu sinto muito’, ‘eu sei pelo que você está passando’ e, naquele momento, ninguém sabia pelo que eu estava passando porque nenhum daqueles profissionais tinham câncer, então, não, eles não sabiam da minha dor nem da sensação angustiante de observar os cabelos caírem sem poder fazer nada.”

Com a mãe morando no Maranhão e as filhas ainda menores de idade, Eciliane precisou ir às consultas e frequentar a terapia sozinha, o que a deixou ainda mais vulnerável. Para que pudesse focar inteiramente no tratamento, a mãe de Eciliane veio a Brasília em dezembro de 2022, e, após acompanhar a cirurgia de mastectomia da filha, levou as netas para passarem um tempo com ela no outro estado.

Em 2023, Eciliane segue indo em consultas para fazer acompanhamento, especialmente por ter sido diagnosticada com um tipo delicado da doença, mas conta, emanando gratidão, que olha para trás e ri. Praticante da religião evangélica, acredita que a sua fé foi um dos pilares principais para que pudesse ser curada.

Um novo caminho

Movida pelo nó na garganta que vivenciava sempre que não se sentia acolhida durante as consultas de terapia, Eciliane tomou uma decisão que nunca havia cogitado antes — estudar psicologia. Conseguiu bolsa integral para capacitar-se no tão sonhado curso e, então, ingressou na Faculdade Mauá, no início de 2023. Agora, cursando o segundo semestre, conta que busca

conhecimento para ajudar homens, mulheres e crianças diagnosticadas com câncer.

“A vontade de cursar psicologia nasceu a partir do momento que eu não senti o acolhimento adequado para mim. Muitas vezes, por não se sentirem acolhidos, pacientes desistem do tratamento e, quando têm metástase, desconhecem a existência das casas de acolhimento, desacreditam que existe a possibilidade de cura e que podem, sim, ter qualidade de vida durante o percurso do tratamento.”

Eciliane conta que ninguém a informou sobre os projetos que abraçam pacientes oncológicos e que tudo o que sabe é conhecimento adquirido por ter ido atrás, sozinha. No empenho por buscar informações, conheceu projetos que a ajudaram de forma inimaginável. Por meio do Hospital Regional da Asa Norte, (HRAN) descobriu a Recomeçar. “Ela me deu um suporte maravilhoso, deu a minha prótese e mostrou os meus direitos e as medicações disponíveis para o tratamento. Na Sara Mulher, instituição em Aguas Lindas de Goiás, eu tive apoio psicológico e jurídico, além de me oferecerem cesta básica e pagarem o meu aluguel durante todo o processo.”

A agora estudante declara querer trabalhar incansavelmente para que os pacientes oncológicos estejam sempre informados sobre os seus direitos, pois foi a informação que a fez não desistir. “Existe vida com qualidade depois do câncer, existe uma evolução contínua dos tratamentos de combate ao câncer de mama, as tecnologias favorecem o tratamento e quanto mais precoce descoberto, melhor. Você, mulher, não pode desistir da vida, pois dentro de você habita uma avó, uma mãe, uma filha e uma tia e você pode, sim, ser exemplo de força.”